

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA

Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

Júlia Calixto Colturato

**Grupo de acolhimento na atenção básica: um diálogo entre
gênero e saúde mental**

Produto técnico apresentado à Universidade Federal de São Paulo - Campus Baixada Santista, como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Ensino em Ciências da Saúde.

Orientadora: Profa Dra. Luciane Maria Pezzato

Santos
2021

Introdução e Justificativa

Esse produto técnico é fruto da pesquisa intitulada “**Grupo de acolhimento na atenção básica: um diálogo entre gênero e saúde mental**”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação no Programa de Ensino em Ciências da Saúde Campus Baixada Santista, para obtenção do título de mestre.

Como parte do processo de pesquisa e intervenção do Programa de Mestrado Profissional, a realização do produto técnico propõe o desenvolvimento de um plano de ação que inclua na sua construção considerações sobre os resultados da pesquisa de campo e as referências bibliográficas utilizadas durante a escrita do trabalho.

A pesquisa teve como objetivo principal compreender os efeitos que a participação em um grupo de acolhimento em saúde mental, realizado numa Unidade de Saúde da Família (USAFA) de um município da BS, produz na vida das mulheres que dele participam, e, somado a isso e ao momento que atravessamos durante a realização do trabalho, também nos propusemos a refletir sobre a perda de espaços coletivos de promoção em saúde enquanto um efeito da pandemia.

Para conseguirmos atingir estes objetivos, optamos por realizar entrevistas qualitativa, na perspectiva da pesquisa-intervenção, que nos mostra que enquanto pesquisamos e intervimos, também contribuímos com processos de mudança e desenvolvimento de autonomia entre todas as participantes da pesquisa. Despimo-nos do estereótipo de pesquisador isento, e nos colocamos enquanto seres políticas, trazendo na bagagem para a construção da pesquisa nossas vivências e histórias (MENDES; PEZZATO; SACARDO, 2016). Pezzato *et al.* (2019) nos indica que intervir é ver entre, portanto, trazer novos olhares da pesquisa a partir dos lugares que ocupamos.

Para a produção do material, inicialmente optamos por utilizar como instrumento rodas de conversa, entretanto, fomos atravessados por uma pandemia que impossibilitou que realizássemos qualquer tipo de atividade coletiva. Optamos então, para não atrasar os prazos estipulados, fazer entrevistas semi-estruturadas com as usuárias que participavam mais assiduamente do grupo. Os convites foram realizados via telefone por meio dos números fornecidos nos prontuários das usuárias ou pessoalmente para as profissionais do serviço. Os diários de pesquisa foram utilizados como forma de registro tanto das entrevistas quanto dos processos pelos quais passamos durante a tessitura da pesquisa. Para nos auxiliar a analisar os dados produzidos durante o trabalho, utilizaremos alguns conceitos do referencial teórico-metodológico da Análise institucional.

O grupo que, antes da pandemia, acontecia semanalmente no serviço era uma forma de escutar e acolher as demandas relacionadas à saúde mental das usuárias da unidade. O grupo acontecia em todas as USAFAs do município e tinha uma proposta de ser um espaço mais horizontalizado, acompanhado de perto por profissionais de diversas áreas de atuação. Deste modo, se propunha a seguir um formato entreprofissional (HENZ, 2013) em que toda a equipe podia se apropriar sobre os temas trazidos por quem o frequentava. Era um espaço aberto, portanto qualquer pessoa que tivesse interesse poderia participar.

O desejo de entender como a promoção de saúde em espaços coletivos podem auxiliar no enfrentamento de sofrimentos relacionados ao gênero parte da experiência profissional de observar as mulheres como maioria nestes grupos ofertados pelas USAFAs e entender que a demanda trazida por elas quase sempre estava relacionada a questões como sobrecarga no trabalho doméstico, cuidado com os filhos, violências física e psicológicas em relacionamentos, dentre outras que estão relacionadas as opressões de gênero vividas cotidianamente por mulheres (COUTO-OLIVEIRA, 2007).

Apesar de já existirem diversos estudos que apontam para uma maior vulnerabilização das mulheres para quadros de sofrimento psíquico (BRASIL, 2016), e para o desenvolvimento de quadros associados a transtornos mentais leves, como ansiedade e depressão (FARIAS, 2017), ainda não existem políticas públicas que pensem na promoção e prevenção de saúde mental relacionadas ao gênero. Ainda que o Sistema Único de Saúde (SUS) tenha como um de seus pilares que a produção de saúde não esteja pautada ao modelo biomédico, mas sim que considere o ser humano em seu contexto de vida, as políticas públicas voltadas para as mulheres vão na contramão disso e se atrelam apenas ao sexo biológico e a saúde sexual e reprodutiva, reforçando papéis historicamente atribuídos ao gênero feminino (RABELO; ARAUJO, 2008).

Este grupo em questão, apesar de não ter como foco as questões de gênero, acabam sendo espaços em que o cuidado se dá de forma mais horizontal e as questões da vida cotidiana aparecem com mais facilidade, diferente dos atendimentos individuais (especialmente com equipe médica e de enfermagem) que costumam estar mais atrelados a queixas de saúde. Desta forma, eles têm potencial para serem, de fato, espaços que promovam um olhar integral para a saúde, considerando os aspectos territoriais, sociais, familiares, comunitários e políticos.

Porém, durante o período de pandemia, os espaços coletivos foram suspensos a fim de garantir maior proteção às usuárias e assegurar as medidas de distanciamento social que foram lidar como fundamentais para a redução do contágio. Entretanto, nenhum outro espaço de promoção de saúde foi garantido para as mulheres que participavam dos grupos e, devido a alta demanda, os atendimentos de saúde mental nos espaços de atenção básica passaram a seguir

um modelo ambulatorial, tendo que priorizar casos que já apresentassem um agravo à saúde, dificultando a possibilidade de ser um lugar de promoção de saúde.

Não foram criadas outras alternativas e assim essas mulheres acabaram perdendo este espaço que, por vezes, como ficou claro nas entrevistas, era o único que elas tinham para compartilhar suas histórias. Além disso, como também apareceu em outras entrevistas, a ausência do grupo fez com que algumas profissionais que participavam dele, percebessem um olhar mais fragmentado durante seus atendimentos, entendendo que o grupo era um espaço que garantia o olhar integral para aquelas usuárias.

Durante o processo de escrita da dissertação também encerrei meu vínculo com a prefeitura do Guarujá, devido a finalização do contrato, bem como diversos outros profissionais também foram desligados. Até o momento em que eu ainda atuava na USAFA (dia 1 de outubro de 2021), não havia uma previsão para que as coisas voltassem ao normal e, portanto, havia um buraco de promoção em saúde na rede de cuidado do SUS com relação a estas usuárias que ficam desassistidas por, em sua maioria, terem quadros “estabilizados”.

Também é fundamental frisar que a pandemia desencadeou diversos quadros de sofrimento psíquico ocasionados, dentre outros motivos, por lutos, instabilidade econômica, desesperança com o futuro, falta de convívio social, perda de rotina, necessidade de acompanhamento escolar dos filhos que estão em ensino remoto e aumento de casos de violência contra a mulher (PIMENTA *et al.* 2021; MACEDO, 2020; VIEIRA; GARCIA; MACIEL, 2020). Não ofertar espaços que propiciam uma reflexão acerca da saúde mental justamente no momento em que mais estamos vulneráveis é, também, uma forma de negligenciar o acesso a uma saúde de qualidade.

Apesar do SUS propor uma perspectiva de cuidado que parte da ótica de determinação social de saúde e entende que o adoecimento e a produção de saúde estão entrelaçados ao território e cultura em que as pessoas estão inseridas estes marcadores da desigualdade não aparecem nos protocolos e documentos de cuidados à saúde mental durante a pandemia (GARRIDO; RODRIGUES, 2020). Além disso, foi possível perceber um aumento das práticas mais ambulatoriais e voltadas para o conceito de saúde medicalizante, enquanto ausência de doença sem incluir a usuária e seu modo de andar a vida.

A proposta deste produto, inicialmente, seria ofertar um espaço de Educação Permanente para as profissionais da atenção básica da rede de cuidado em saúde do município em que esta pesquisa foi realizada, acerca do cuidado em saúde mental para mulheres, explicitando gênero enquanto marcador que vulnerabiliza mulheres para agravos em saúde. Entendendo a necessidade de se debruçar nas temáticas de saúde mental e sua relação com

gênero e de grupos enquanto potentes ferramentas para promoção de saúde, a proposta, portanto, seria um convite para compartilhar, com essas profissionais, reflexões e análises que esta pesquisa provocou em mim.

Todavia, com o encerramento do meu vínculo de trabalho com o NASF de Guarujá, essa proposta encontrou barreiras para ser realizada, por entender que não há, dentro da gestão atual do município, abertura para tal encontro. Desta forma, optamos por escrever uma carta às participantes da pesquisa, contando sobre o que observei no processo e compartilhando alguns dos achados da pesquisa realizada.

A carta aqui surge como uma opção de me reaproximar das participantes da pesquisa nesse momento em que o encontro presencial com elas não aparece como uma possibilidade. Então, diante dessa impossibilidade, lançamos mão de um outro dispositivo da pesquisa. Portanto, o documento aparece como “um registro de ideias, sentimentos, denúncia, apoio, memória, história” (BARZANO, 2020, p. 378).

Soligo (2005) afirma que a carta é uma ferramenta privilegiada para a comunicação porque, ao considerarmos que há um destinatário com quem queremos dialogar, ajustamos o que e como dizemos aquilo que queremos. A autora ainda nos lembra que “Textos institucionais não precisam necessariamente ser áridos, formais, herméticos, prescritivos. É possível – e recomendável – pautá-los no diálogo e na argumentação. Assim se pode subverter o modelo clássico das relações assimétricas...” (p. 22). Então, ela aparece como um meio potente de comunicar e ecoar o que foi produzido e pensado na pesquisa com aquelas que deram corpo ao trabalho realizado.

Pensamos em também disponibilizar uma versão em áudio da carta, para aquelas que podem apresentar maior dificuldade/resistência com a leitura e escrita.

Tal documento serviria também como uma devolutiva da pesquisa, visto que devido às dificuldades impostas pela pandemia e pelas rotinas de trabalho, não consegui e nem conseguirei fazê-la.

Santos, 25 de novembro de 2021

Oi! Quanto tempo, né?

Espero que estejam todas bem.

Estou no processo de encerrar a minha pesquisa e fiquei pensando em como realizar uma devolutiva e agradecer quem participou dessa pesquisa de uma forma justa. penso que escrever uma carta, contando sobre esse processo e sobre meus achados, me parece uma forma possível de fazê-la, entendendo que os cotidianos de trabalho são intensos e não necessariamente encontraríamos tempo de fazer isso, já que agora já não estou mais trabalhando no Guarujá. Não sei se chegaram a saber, mas meu contrato foi encerrado no dia 1 de outubro. É a vida que segue.

Primeiro, é necessário agradecer: essa pesquisa não teria acontecido caso vocês não aceitassem fazer parte dela, foi muito importante para mim escutar suas vivências e ouvir todas as contribuições que trouxeram.

Segundo, quero compartilhar com vocês um pouco sobre o grupo de acolhimento e minha pesquisa: eu escolhi realizar esta pesquisa na USAFA Jardim Conceiçãozinha justamente porque lá eu identificava um fortalecimento deste grupo, uma assiduidade de quem o frequentava e, mais que isso, uma identificação. Eu percebia que quem participava do grupo o fazia porque via sentido naquilo, de alguma maneira. Assim como fazia sentido para mim estar lá com vocês.

Durante as entrevistas algumas questões comuns se fizeram presentes e trouxeram mais sintonias entre nós. Dentre as que mais apareceram, destaco: a maternidade, as responsabilidades por atividades domésticas e alguns tipos de violências vividas por nós. Não é à toa que essas questões atravessam tão frequentemente o cotidiano de nós mulheres, mas muito pouco falamos delas quando falamos dos sofrimentos psíquicos. Muitos estudos dizem que nós, mulheres, estamos mais expostas a desenvolver quadros de depressão e ansiedade, e em muito tem a ver com essas três questões que destaquei.. Na pesquisa, pudemos perceber a necessidade destas questões serem reconhecidas como questões sociais - nesse caso, relacionadas ao gênero - compondo os processos de adoecimento e, portanto, precisam ser pautadas nas construções de políticas públicas e nos processos de reflexão e construção de práticas em saúde. Lembrando que construir prática em saúde não é papel apenas de quem trabalha na USAFA, mas de todas nós que o frequentamos.

Outra coisa que ficou muito clara na fala de todas as entrevistadas foi a força que o espaço de grupo, e deste grupo, especificamente, tem dentro do contexto de uma unidade de saúde da família. Apesar de existirem violações e sofrimentos vividos por sermos mulheres - e que em alguns momentos eles foram apontados como determinantes do que é ser mulher - encontrar um espaço de acolhimento, sem julgamento, onde possamos nos ver na história de outra pessoa ou mesmo perceber as diferenças e, ainda assim, respeitá-la e ouvi-la, tem sido fortalecedor.

Fortalecedor para as políticas de saúde que desejamos, que nos enxergam em nossa integralidade e não como fragmentos de um corpo. Fortalecedor para quem dele participa, possibilitando novos encontros, vínculos - entre profissionais e usuárias do serviço e também das usuárias entre si mesmas, ampliando perspectivas e possibilidades de cuidado, de um jeito mais horizontal e participativo.

Também constatei nessa pesquisa que enfrentar essa pandemia não tem sido tarefa fácil para nenhuma de nós, ela agravou ainda mais algumas dificuldades que já enfrentávamos e a ausência do grupo assim como de outros espaços de convivência, acabou descortinando a fragilidade das ações de promoção da saúde em fazer parte orgânica da agenda das/os profissionais da atenção básica. Perdendo rapidamente espaço das ações coletivas, conquistadas com muita luta, para as ações individuais. Nesse sentido, ainda que eu não esteja mais aí com vocês toda quarta-feira, essa carta é, também, um convite: fortaleçam esse espaço! Estejam juntas, unidas e se fortaleçam entre si. Não deixem o grupo acabar ou perder a potência que ele tanto tem.

Por fim, quero novamente agradecer a disponibilidade e a troca, não só no meu processo de pesquisar, mas de todos estes anos. Aprendi demais com todas as trocas e encontros. E fico à disposição para conversar, falar mais sobre os meus achados enquanto pesquisadora ou qualquer outra coisa.

Até mais, fiquem bem e sigam fortes!

Júlia Calixto Colturato

REFERÊNCIAS

- BARZANO, Marco. Cartas autobiográficas de formação e profissão: experiências de um professor-pesquisadorextensionista de Educação Ambiental. **Quaestio: revista de estudos de educação**, v. 22, 2020, p. 375-390.
- BRASIL, **Relatório de Saúde Mental**, Ministério da Saúde, Brasília, 2016. Disponível em: <http://portalarquivos.saude.gov.br/images/pdf/2016/junho/27/Relat-rio-Gest-o-2011-2015---.pdf> acessado em 10/09/2018
- COUTO-OLIVEIRA, V. **Vida de mulher: gênero, pobreza, saúde mental e resiliência**. 274 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura)-Universidade de Brasília, 2007.
- FARIAS, I. **Nem loucas, nem criminosas**. In: PEREIRA, M. de O.; PASSOS, R. G. (Orgs.) *Luta Antimanicomial e feminismos: discussões de gênero, raça e classe para a reforma psiquiátrica*. Rio de Janeiro, Editora Autografia, 2017, p. 101-109.
- GARRIDO R.G., RODRIGUES R.C. Restrição de contato social e saúde mental na pandemia: possíveis impactos das condicionantes sociais. **Journal Health Biological Sciences**, v.8, n.1, p.1-9, 2020.
- HENZ, A. de O.; GARCIA, M. L.; COSTA, S. L. de; MAXIMINO, V. S. **Trabalho entreprofissional: acerca do comum e a cerca do específico**. In: CAPOZZOLO, A. A; CASETTO, S. J.; HENZ, A. de O. (Orgs.) *Clínica comum: itinerários de uma formação em saúde*. São Paulo: Hucitec, 2013. p. 163-186.
- MACEDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Revista NUFEN**, Belém, v. 12, n. 2, p. 187-204, ago. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012&lng=pt&nrm=iso Acesso em 02 março 2021.
- MENDES, R.; PEZZATO, L. M.; SACARDO, D. P. Pesquisa-intervenção em promoção da saúde: desafios metodológicos de pesquisar “com”. **Ciência e saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 6, p. 1737-1746, junho de 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000601737&lng=en&nrm=iso Acesso em 04 Maio 2019.
- PEZZATO, L.M.; MENDES, R.; OLIVEIRA, E. C. S.; AZEVEDO, A. B. de. **Diário: uma política de registro**. In. MENDES, R.; AZEVEDO, A.B.; FRUTUOSO, M.F.P. *Pesquisar com os pés*. São Paulo: Hucitec, 2019. p. 32-47.
- PIMENTA, D. N.; WENHAM, C.; ROCHA, M. C.; BONAN, C.; MENDES, C. H. F.; NASCIMENTO, M.; LOTTA, G.; TAMAKI, E.R.; PORTO, P. **Leituras de gênero sobre a**

COVID no Brasil. in: MATTA, G. C.; REGO, S.; SOUTO E. P.; SEGATA, J., eds. Os impactos sociais da COVID-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, p. 59-170. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5702-032-0. <https://doi.org/10.7476/9786557080320.0013>

RABELO, I. V. M.; ARAUJO, M. de F. Violência de gênero na perspectiva da saúde mental. **Revista Psicologia Unesp**, v. 7, n. 1, p. 123-32, 2008.

SOLIGO, R. **Venho por meio desta...** In: PRADO, Guilherme Val Toledo; SOLIGO, Rosaura. (orgs.). Porque escrever é fazer história. Campinas: Graf, 2005. p. 343-384.

VIEIRA, P. R.; GARCIA, L. P.; MACIEL, E. L. N. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?. **Revista brasileira de epidemiologia**, Rio de Janeiro, v. 23, e200033, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2020000100201&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 de abril 2021.